

Hortifrutí Brasil

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP
Ano 16 - Nº 175 - Fevereiro de 2018 - ISSN 1981-1837

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hortifrutil

Céu limpo 24° 33° 18° 

28° 
terça Muito nublado

31° 
quarta Chuva

32° 
quinta Possibilidade de trovoadas

21° 
sexta Sol entre nuvens

CHOVE NA MINHA HORTA EM 2018?

Chuvas do *La Niña* são insuficientes para repor água no Nordeste



Faça parte da nossa #LISTAHF no WhatsApp e receba nossos vídeos!

Saiba mais na página 5



CONFIANÇA NÃO SE COPIA. NEM RESULTADOS.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um engenheiro agrônomo. Venda sob receituário agrônômico. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

As marcas com ®, ™ ou SM são marcas da DuPont ou de afiliadas. © 2017 DuPont.

Saiba mais:

TeleDuPont 
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br

FIQUE COM O ORIGINAL: CURZATE®



25 SET. 2017



Quando o clima favorece o surgimento de doenças, o que você faz? Arriscar, nem pensar: aplica Curzate® — o original da DuPont™. Há mais de 25 anos, Curzate® é a escolha certa para o controle preventivo da requeima em Batata e Tomate, do míldio na Cebola e Uva, e de outras doenças. Por isso, quem quer prevenção de verdade, fica com Curzate®, que você sabe que funciona e conhece quem faz: a DuPont™.



MISTURA PRONTA: AUXILIA
NO GERENCIAMENTO
DE RESISTÊNCIA



AÇÃO SELETIVA



AÇÃO SISTÊMICA
LOCAL

DuPont™
Curzate®
fungicida



SITUAÇÃO CLIMÁTICA DO NORDESTE SEGUE CRÍTICA EM 2018/19



Isabela Luiz (esq.), Beatriz Casagrande e Lívia Luz da Silva são as “garotas do tempo” e organizaram a matéria sobre clima desta edição.

A aposta de produtores para recuperação das reservas hídricas nas principais regiões de hortifrúti do Nordeste é a possibilidade da ocorrência do *La Niña* neste verão. Esse fenômeno, no geral, estimula chuvas acima da média no Norte e no Nordeste e abaixo da média no Sul do País. Os especialistas em clima entrevistados nesta edição são unânimes: ainda não está claro se estamos com o fenômeno, mas, caso ele venha a ocorrer, será fraco e de curta intensidade. Assim, mesmo que chova dentro do padrão para o período no Nordeste, o atual baixo nível dos reservatórios indica que o cenário de restrição de água para irrigação continua em 2018, limitando os investimentos em HF's em diversas regiões. A preocupação não para por aí, já que há alertas da possibilidade do *El Niño* no segundo semestre. Esse fenômeno, por sua vez, tende a reduzir o volume de chuvas no Nordeste.

CAPA 08



A HF Brasil faz uma análise climática aos HF's para 2018 diante da possibilidade de *La Niña* neste verão e de *El Niño* para o segundo semestre.

SEÇÕES

BATATA		14
CENOURA		15
TOMATE		18
CEBOLA		19
ALFACE		20
MELÃO		21
MAÇÃ		22
MAMÃO		23
MANGA		24
MELANCIA		25
CITROS		26
UVA		28
BANANA		29

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:
Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica:
Margarete Boteon

Editores Econômicos:
João Paulo Bernardes Deleto, Leticia Julião, Fernanda Geraldini Palmieri e Marina Marangon Moreira

Editora Executiva:
Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira:
Margarete Boteon

Jornalista Responsável:
Alessandra da Paz Mtb: 49.148

Revisão:
Daiana Braga, Bruna Sampaio, Caroline Ribeiro, Nádia Zanirato e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica:
Ana Beatriz de Salles Roselino, Beatriz Papa Casagrande, Caio Vinícius Piton Torquato, Caroline Ribeiro, Fernanda Geraldini Palmieri, Gabriel Pacheco de Carvalho Oliveira, Giulia Gobbo Rodrigues, Heitor Araujo Cintra Inacio, Henrique Sarmento Aires, Isabela Fernanda Luiz, Laís Ribeiro da Silva Marcomini, Laleska Rossi Moda, Lavínia da Cunha Canto Moraes, Lenise Andresa Molena, Lívia Rebeca Luz da Silva, Marcela Guastalli Barbieri, Mariana Coutinho Silva, Mariane Novais Olegário de Souza e Rogério Bosqueiro Junior

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
Guia Rio Claro.Com Ltda
enfaserioclaro@gmail.com

Impressão:
www.graficamundo.com.br

Contato:
Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfbrasil@cepea.org.br
www.hfbrasil.org.br

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

FÓRUM 30

O prof. Paulo Sentenhas, da Esalq/USP, é o entrevistado desta edição e fala sobre os impactos climáticos nos hortifrúti.

HF BRASIL NA REDE



Hf www.hfbrasil.org.br
19 99128.1144
Hortifruti Brasil
@revistahortifrutibrasil
@hfbrasil



Por que algumas crianças fogem de verduras e legumes? A ciência pode explicar!

Já parou para se perguntar o motivo da aversão de algumas crianças a verduras e legumes? Será que o problema seria apenas a palatabilidade? A psicóloga Jacqueline Blisset, professora da Universidade de Aston, na Inglaterra, e especialista em comportamento alimentar de crianças, respondeu essas questões, em reportagem publicada pela BBC Brasil. Segundo ela, tal comportamento estaria relacionado à evolução da espécie humana e ao instinto de proteção, pois o homem pré-histórico associava os vegetais às plantas tóxicas e desconhecidas, tanto pela cor quanto pelo sabor amargo. Ou seja: é verde? Melhor não comer! Contudo, a psicóloga afirma que é difícil determinar se o problema está associado à evolução humana, a fatores ambientais ou questões genéticas. Isso porque, segundo ela, o principal problema da dieta atual das crianças estaria na insuficiência de vegetais e no excesso de açúcar e gordura. Neste cenário, a influência social (de pais e pessoas próximas) tem grande peso na formação de bons hábitos alimentares nos primeiros anos de vida da criança. Então, que tal apresentar frutas e hortaliças a seus filhos desde cedo?



Só 40% dos brasileiros consomem hortifrúti diariamente

Para um País que ocupa a terceira colocação no ranking entre os maiores produtores de frutas e hortaliças do mundo, o fato de apenas 40% da população brasileira consumir estes produtos, diariamente, é algo inesperado. O dado faz parte de uma pesquisa encomendada pela Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrasfrutas), realizada pelo Datafolha em 2017, em 148 municípios brasileiros e que totalizou 2.089 entrevistados, de todas as classes socioeconômicas, acima de 16 anos. **PESQUISA** – Os números apontam que os homens perdem para as mulheres na adoção destes hábitos alimentares, consumindo cerca de 7%, 6% e 6% menos frutas, verduras e legumes, respectivamente, nesta comparação. Quanto à escolaridade, a compra de hortifrúti é pouco frequente entre os que têm ensino fundamental e médio, sendo mais expressiva entre pessoas com nível superior completo. Já em relação aos fatores que são levados em conta no momento da compra, a pesquisa aponta que 31% dos entrevistados consideram, primeiramente, a preferência por determinado HF, seguido pela sazonalidade (17%) e por aparência e preço – estes dois últimos como terceiros fatores, ambos apontados por 14% dos entrevistados. Será que o Brasil conseguirá mudar estas estatísticas em 2018?

FAÇA PARTE DA NOSSA #LISTAHF NO WHATSAPP!

Quer receber toda semana os vídeos da HF Brasil pelo WhatsApp? Então veja como participar da #LISTAHF!

1º



2º



3º



Obs: Seu número não será exposto e também não será incluído em nenhum grupo de discussão do WhatsApp.

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

Qual seu planejamento para 2018?



Certamente teremos uma retomada na economia, como foi apresentado no Anuário 2017-2018 da HF Brasil. Tomei a decisão de ampliar drasticamente a estrutura de cultivo protegido em hidroponia, mesmo com um cenário sem grandes expectativas. Mas acredito que o Brasil é exemplo vivo de uma economia acostumada aos altos e baixos, por isso sempre tenho em mente que são nos momentos ruins que devemos apostar e investir.

Robson Niering – Joinville/SC

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP) ou para: hfcepea@usp.br

Valorize seu pequeno na agricultura!



Quer ver a foto do seu pequeno na revista? Então tire uma foto dele e mande para nós para o e-mail hfcepea@usp.br ou pelo WhatsApp (19) **99128.1144**!



Bruno Puppo - Eldorado (SP)



Ísis Arissa Takahashi Carvalho - Pilar do Sul (SP)



Luiz Antônio Leme Polita - Guarantã (SP)



Gabriel Puls Felici - Uberlândia (MG)



Maria Paula e Pablo Henrique - São Miguel Arcanjo (SP)



Sophie Mendes Bresinski Lage e Virgílio Mendes Bresinski Lage - Jaíba (MG)

Hortifruti Brasil no WhatsApp



A **Hortifruti Brasil** está no WhatsApp! Neste aplicativo, você pode entrar em contato conosco e também nos enviar fotos para publicarmos na revista! Para isso, basta nos enviar fotos de sua produção, nome e região!

Veja o que nossos leitores nos enviaram!

19 99128.1144

Joaquim Cardoso Pinto Coelho - Viçosa (MG)



Tadeu J. Almeida - Parapanema (SP)



William Adilson da Costa - Jandaia do Sul (PR)



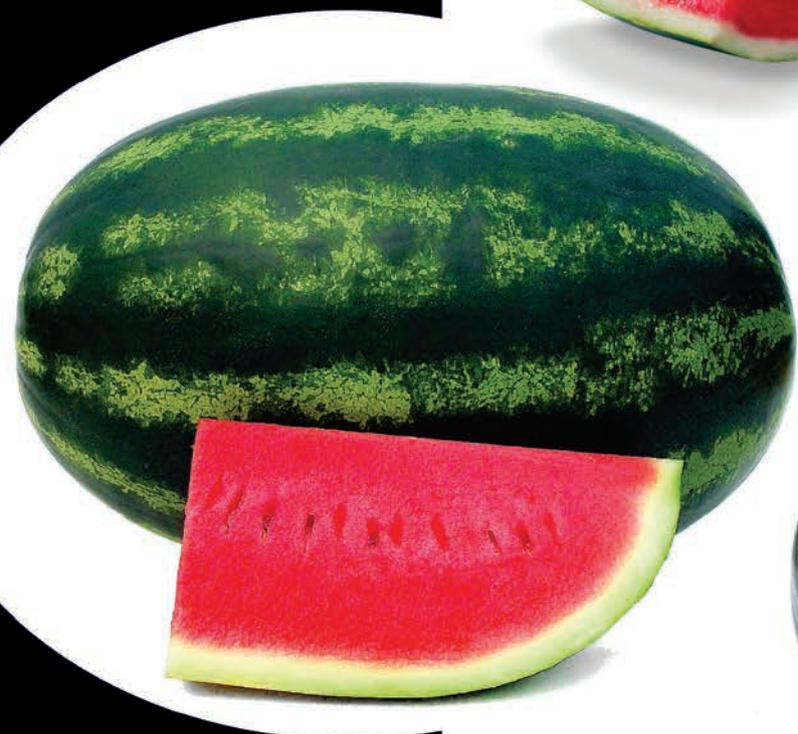
Melancias
de excelente
produtividade
para os mais
exigentes
mercados



Granada F1

Destaques: Tamanho dos frutos
e cobertura foliar

Tolerâncias/Resistências: F



Verena F1

Destaques: Uniformidade e coloração

Tolerâncias/Resistências: F2

Futura F1

Destaques: Planta forte

Tolerâncias/Resistências: F, A



CALL CENTER
(54) 2109 4444

FELTRIN[®]
SEMENTES



sementesfeltrin.com.br



Feltrin Sementes



@feltrinsementes

CLIMA 2017-2018

CHOVE NA MINHA HORTA EM 20

Chuvas do La Niña são insuficientes para repor água no Nordeste

As chuvas neste verão de 2018 não serão feitas em todas as “hortas”, especialmente no Nordeste. A aposta de que o *La Niña* neste verão (fenômeno que propicia chuvas acima da média no Norte e Nordeste e abaixo da média no Sul) amenizaria os problemas críticos de água em várias regiões produtoras do Nordeste não deve se concretizar. Isso porque o fenômeno pode ser de intensidade fraca e de curta duração (somente no verão).

Além disso, meteorologistas indicam que não é só o *La Niña* que influencia o regime de chuvas no Nordeste. Segundo Marco Antônio dos Santos, agrometeorologista da Rural Clima, “a partir de fevereiro, quem ‘manda’ nas chuvas do Nordeste não é mais o oceano Pacífico e, sim, o Atlântico. Se a costa do Atlântico que banha o Nordeste não estiver com temperaturas acima da média no verão, não haverá forte umidade e, com isso, não deve haver chuvas acima da média para o interior do Nordeste, ou seja, sertão e agreste, independentemente de ter um *La Niña*”. Diogo Alessandro Arsego, do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe), acrescenta: “a previsão indica que o Atlântico Norte vai ficar mais aquecido que o Atlântico Sul. Esta seria uma condição que traria precipitação abaixo da média no Nordeste nos me-

ses de janeiro, fevereiro e março”.

Desse modo, a previsão para o início deste ano é de chuvas abaixo ou no padrão da faixa normal climatológica no Nordeste, enquanto a região Norte deve registrar precipitação acima da média. Segundo Celso Oliveira, da Somar Meteorologia, “a previsão geral para o Brasil durante o período das águas de 2018 é de variabilidade no centro (São Paulo e Mato Grosso do Sul) e no Sul do País, com alternância entre períodos úmidos e secos e aumento da precipitação na reta final de verão no Norte e em partes do Nordeste e Centro-Oeste. Posteriormente, o Brasil entrará em seu natural período seco no decorrer do outono e inverno. Vale salientar que, após o término do *La Niña*, previsto para o início do outono, passaremos por uma neutralidade climática, ou seja, sem *La Niña*, mas também sem *El Niño*”. No entanto, em seu relatório publicado em janeiro, o Cptec indicou possibilidade do *El Niño* no segundo semestre deste ano. Se confirmado, o Nordeste pode ter chuvas abaixo da média no próximo verão.

Confira a seguir os possíveis impactos climáticos na produção de hortifrutícolas neste ano. Acompanhe, também, a retrospectiva de como o clima influenciou os hortifrutícolas em 2017.

LA NIÑA TRAZ MAIS CHUVAS AO NORD

O *La Niña* seria importante neste verão porque poderia trazer chuvas acima da média para o Nordeste do País, já que tem efeito contrário do *El Niño*. O chamado fenômeno “ENOS” – conhecido popularmente por *El Niño* ou *La Niña* – é caracterizado por um aquecimento (*El Niño*) ou esfriamento (*La Niña*) anormal das águas superficiais do Oceano Pacífico Tropical. Segundo o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), entre setembro e dezembro, houve um esfriamento acima do normal do Oceano Pacífico; mas, para se configurar como *La Niña*, é necessário que durante cinco trimestres móveis consecutivos a temperatura fique 0,5°C abaixo da normal dos oceanos. Segundo o relatório do *National Oceanic and Atmospheric Administration* (NOAA), de 22 de janeiro de 2018, a probabilidade de o *La Niña* se configurar é de 85 a 95% durante o verão do Hemisfério Sul e se dissipar no outono. No geral, relatórios apontam que a presença do *La Niña* nesta temporada de verão poderá ser de intensidade fraca e de curta duração (somente no verão).

Céu limpo 24°



18?



UM BALANÇO DO CLIMA EM 2017

O ano de 2017 apresentou condição de neutralidade climática, isto é, não se registrou a influência de fenômenos como *La Niña* ou *El Niño*, de acordo com os relatórios climáticos do Cptec/Inpe e do Cemaden. Na região semiárida nordestina, a situação hídrica permaneceu crítica durante todo o ano, se agravando no segundo semestre, período quando as chuvas já são naturalmente mais escassas no Nordeste. A partir de outubro/17, os principais reservatórios da região – incluindo os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco – estavam em níveis bastante críticos, assim como a sub-bacia de Três Marias (Bacia do São Francisco). Ainda em outubro, o volume de precipitações também se reduziu no Centro-Oeste, Sudeste e Sul – englobando o sudoeste do Paraná, oeste de Santa Catarina e norte do Paraná. Isso foi resultado da circulação anticiclônica sobre o Atlântico Sul associada a um bloqueio atmosférico, sendo que o solo bastante seco e a pouca umidade da Amazônia em direção ao interior do País agravaram a escassez hídrica. Tal fato atrasou o início da temporada chuvosa no Centro-Oeste e Sudeste.

Já nos dois últimos meses do ano, houve o estabelecimento da estação chuvosa, fazendo com que as precipitações ficassem acima da média histórica no Sul e no Centro-Oeste. Na maior parte do Nordeste, entretanto, o último relatório da Cemaden de dezembro de 2017 ainda indicava a manutenção dos pontos de seca, principalmente no norte e oeste da região. Em algumas microrregiões do Ceará e Pernambuco, por exemplo, a seca já durava mais de 21 meses.

ESTE? Veja a opinião de especialistas

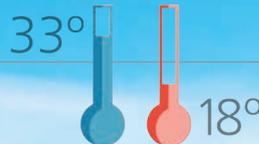
Marco Antônio dos Santos, da **Rural Clima**, não prevê chuvas acima da média para o Nordeste no verão mesmo com o *La Niña*.

Diogo Alessandro Arsego, do **Cptec/Inpe**, prevê que as chuvas para o Nordeste podem ser menores que a média histórica no primeiro trimestre.

Celso Oliveira, da **Somar Meteorologia**, prevê “alternância entre períodos úmidos e secos no centro e Sul do Brasil e aumento da precipitação na reta final de verão no Norte e, partes, do Nordeste e Centro-Oeste”.



Céu limpo 24°



IMPACTO DO CLIMA NOS HORTIFRÚTIS EM 2017

ALFACE

A safra de verão 2016/17 (dezembro/16 a junho/17) teve clima típico – chuvoso e quente –, o que levou a perdas, principalmente em fevereiro/17, devido às doenças comumente causadas pela maior umidade e temperatura elevada. Já no inverno de 2017, a temperatura amena e o clima seco nas regiões Ibiúna e Mogi das Cruzes (SP), Tere-sópolis (RJ), Mário Campos e Caeté (MG) influenciaram o aumento da produtividade, o que resultou em descartes de alfaces. Em Minas Gerais, a partir de novembro, o tempo seco e o calor reduziram a produtividade das lavouras, especialmente por conta do aumento da incidência de tripses. Na safra de verão 2017/18, as lavouras têm sido prejudicadas por doenças decorrentes do aumento no volume das chuvas e das temperaturas mais altas. Ainda há probabilidade de novos prejuízos à qualidade das alfaces ao longo da temporada, devido ao verão quente e úmido.

BATATA

O clima em 2017 contribuiu significativamente para a boa produtividade da batata no ano todo. Na safra das águas 2016/17 (dezembro/16 a maio/17), as chuvas vieram na medida certa, contribuindo para uma produtividade acima da média em todas as regiões. Na temporada das secas (maio a junho/17), também não houve excesso de umidade, e as precipitações beneficiaram a produção, mantendo a produtividade elevada. Na temporada de inverno do ano passado, o clima também favoreceu a produção de batata do plantio à colheita, contribuindo para a boa produtividade. Já na temporada das águas 2017/18, o clima começou a ter um comportamento mais típico para o período nas regiões produtoras, com o retorno das chuvas e produtividade padrão para o período.

CEBOLA

O clima durante quase todo o ano de 2017 foi favorável à produção de cebolas nacional. Contudo, a região Nordeste continua prejudicada pela crise hídrica, limitando os investimentos na cultura, uma vez que a água disponível não foi suficiente para irrigar as lavouras. Este cenário influenciou a diminuição de área para o segundo semestre, resultando em aumento nas cotações. Houve, ainda, estiagem entre agosto e setembro na região Sul. Com isso, produtores relataram menor produtividade na safra 2017/18 (novembro/17 a março/18), por conta das perdas dos bulbos que estavam em período de desenvolvimento, e maior incidência de cebolas de menor calibre.

CENOURA

O clima na safra de verão 2016/17 (primeiro semestre de 2017) contribuiu para a produção, o que pressionou a cotação da cenoura. Por outro lado, o clima mais quente e seco a partir de maio/17 causou atrasos no ciclo produtivo da temporada de inverno/17. Consequentemente, o volume colhido de setembro a novembro apresentou raízes mais finas do que o habitual, pelo ciclo prolongado e pela falta de chuvas nas regiões produtoras de Minas Gerais, Goiás e Paraná. Já neste início de 2018, as intensas precipitações durante o preparo do solo, plantio e desenvolvimento da cultura causaram diminuição na oferta e aumento nos preços em janeiro.

CLIMA FOI FAVORÁVEL À PRODUÇÃO EM 2017, EXCETO NO NORDESTE

O clima em 2017 foi mais favorável à produção dos hortifrutícolas do que nos anos anteriores. Vale lembrar que, em 2014 e 2015, as condições climáticas foram extremas (estiagem em algumas regiões e excesso de chuva em outras), o que reduziu significativamente a oferta de frutas e hortaliças naqueles anos. Desde o segundo semestre de 2016, no geral, o clima tem sido mais favorável aos HF's e, para muitas culturas, propiciou oferta elevada, mas resultou em queda na rentabilidade. Em 2017, em particular, a maior oferta reduziu

os preços médios de todos os hortifrutícolas acompanhados pela **Hortifruti Brasil**. Vale destacar que essa situação mais favorável em 2017 para os hortifrutís se deve às praças produtoras do Sul e Sudeste. Importantes regiões do Norte e Nordeste continuam com restrição de água para investir e manejar os HF's. Confira, a seguir, avaliação detalhada de 2017 para cada produto acompanhado pela **Hortifruti Brasil** e da safra de verão 2017/18 (para as hortaliças).

TOMATE

No geral, o clima em 2017 beneficiou a produção do tomate, com exceção do Nordeste. Essa região sofreu novamente com as altas temperaturas e chuvas escassas. Em Irecê (BA), a estiagem elevou a incidência da traça do tomateiro, prejudicando a qualidade e a produtividade. Já no Sudeste, o clima beneficiou a produtividade, elevando a oferta do fruto. A exceção foi o mês de julho, quando as temperaturas mais baixas retardaram a maturação. Especialmente entre agosto até o final do ano passado, a maturação no Sudeste foi bem acelerada em decorrência do clima seco e quente, ocasionando elevada oferta e baixos preços. Já na temporada de verão 2017/18, no Sul do Brasil, a safra em Caçador (SC) começou atrasada por conta das temperaturas mais amenas, o que diminuiu o ritmo de desenvolvimento. Além disso, chuvas abundantes frearam as atividades de colheita.

BANANA

O clima foi mais favorável para a bananicultura em 2017. A exceção é o polo produtor do Vale do Açu (RN/CE). Nesta região, a falta de chuva influenciou a redução de 43% da área de banana frente a 2016 e limitou as exportações à União Europeia. Nas demais praças afetadas pela seca, como Norte de Minas Gerais, Bom Jesus da Lapa (BA) e Vale do São Francisco (PE/BA), a saída foi a racionalização da água destinada à irrigação, com medidas governamentais para incentivar a economia de água entre produtores, o que não chegou a afetar a produtividade nem a área ou qualidade da fruta. No início do segundo semestre, com o aumento das temperaturas no Sul e Sudeste, a oferta de banana aumentou, desvalorizando a fruta – as cotações chegaram a ficar abaixo dos custos de produção. O início de 2018 já trouxe chuvas para as regiões que mais precisavam (Vale do São Francisco, Norte de Minas Gerais e Bahia), mas para se ter uma melhora significativa nos níveis dos reservatórios, é necessário que chova bem ao longo deste ano.

CITROS

O clima favorável à laranja, em especial no segundo semestre de 2016 e no primeiro de 2017, propiciou a segunda maior safra da história recente no estado de São Paulo (temporada 2017/18). No segundo semestre, no entanto, o clima mais seco e as temperaturas elevadas entre setembro e outubro prejudicaram tanto a temporada 2017/18 (queda de frutos) quanto a 2018/19 (possível menor volume), visto que diminuíram a taxa de pagamento dos chumbinhos. Contudo, as chuvas de dezembro e janeiro favoreceram a abertura de novas floradas e estimulam o desenvolvimento das frutas que já estão nas árvores – apesar de deixarem produtores receosos quanto ao surgimento de doenças.

IMPACTO DO CLIMA NOS HORTIFRÚTIS (cont.)

MAMÃO

Em 2017, a produção de mamão continuou sendo prejudicada pelo clima, principalmente pela falta de chuva em importantes regiões. No norte do Espírito Santo, norte de Minas Gerais, oeste da Bahia e interior do Rio Grande do Norte, apesar das chuvas mais frequentes em 2017 (ainda que abaixo da média), ácaros afetaram a qualidade da fruta durante o inverno, aumentando a incidência de manchas fisiológicas. No segundo semestre, as precipitações no sul da Bahia e no litoral do Rio Grande do Norte aumentaram a incidência de doenças fúngicas e viroses – cenário que, inclusive, limitou o volume de frutas de boa qualidade, impactando negativamente nas exportações de mamão.

MANGA

Em 2017, a baixa reserva hídrica limitou a oferta de água para irrigação no Vale do São Francisco (PE/BA) e no norte de Minas, com a implementação do “Dia do Rio”, que impede a captação de água às quartas-feiras. Apesar da restrição, houve incremento de área nestas regiões no último ano, visto que a falta de água não chegou a impactar a produtividade dos pomares. Já em Livramento de Nossa Senhora (BA), o clima seco foi mais limitante na produtividade da fruta, mas ainda sem impacto em área plantada. Em São Paulo, o clima adverso (atraso do frio e da seca, necessários para a abertura de floradas) durante a indução floral na temporada 2017/18 impactou na produtividade e no calendário de colheita.

MELANCIA

O clima afetou a produção de melancia em diferentes regiões em 2017. No estado de São Paulo, a falta de chuvas na época de enchimento da fruta reduziu a produtividade. Em Uruana (GO), as chuvas durante o período de florada ocasionaram abortamentos, impactando na produtividade do primeiro semestre. No Tocantins, a falta de água continuou sendo o principal fator limitante à produção em 2017, reduzindo inclusive a área plantada. Em Teixeira de Freitas (BA), o período de chuvas mais estendido diminuiu em pelo menos 60% a área da primeira parte da safra. Por outro lado, na região Sul do País, as chuvas mais ponderadas em 2017 contribuíram para o bom desenvolvimento das frutas, principalmente em Arroio dos Ratos (RS). Porém, em Encruzilhada do Sul (RS), a falta de chuvas no período do enchimento preocupou produtores quanto à produtividade.

MAÇÃ

De modo geral, o inverno de 2017 foi menos intenso, o que proporcionou menores calibres e pedúnculos mais curtos nos pomares, prejudicando a fixação das frutas para a temporada 2017/18. Por outro lado, praticamente não houve granizo nas regiões produtoras, o que é positivo para a safra. O baixo volume de chuvas no segundo semestre de 2017 atrapalhou a florada e a frutificação das maçãs, o que pode reduzir a qualidade da safra 2017/18. Além disso, as baixas variações de temperatura prejudicaram a coloração das maçãs – inverno e verão amenos. As chuvas de janeiro de 2018, entretanto, podem colaborar para o desenvolvimento das maçãs. Vale lembrar que a safra 2016/17 foi beneficiada por chuvas e temperaturas adequadas nas épocas certas, obtendo ótima produtividade.

MELÃO

A crise hídrica tem afetado a produção de melão nas principais regiões produtoras nos últimos anos, tanto no Rio Grande do Norte/Ceará como no Vale do São Francisco (BA/PE). Com isso, a área cultivada da fruta tem sido limitada. No RN/CE, o volume dos reservatórios está baixo e a água que está disponível, mais salinizada. Isso afetou a produtividade e qualidade, impactando também na exportação. Em 2017, a área do Vale do São Francisco (BA/PE) reduziu 20,5% frente à temporada anterior. De acordo com produtores, contudo, a irrigação ainda foi suficiente para a manutenção da qualidade e desenvolvimento das frutas em 2017.

Céu limpo 24°



QUAL IMPACTO DAS PREVISÕES CLIMÁTICAS PARA A PRODUÇÃO NACIONAL DOS HF'S EM 2018?

Em 2018, ainda não há notícia boa para o Nordeste. O volume de chuvas neste verão 2017/18 esperado para o interior do Nordeste não será suficiente para ajudar na regularização dos mananciais e na recuperação das condições hídricas dos solos (já afetados pelo longo período seco). Em função disso, produtores de hortifrutícolas da região do semiárido ainda enfrentarão desafios ao longo de 2018.

Mesmo que chova dentro da normal climatológica neste verão no Nordeste, o baixo nível atual dos reservatórios indica que a restrição de água para irrigação deverá continuar preocupante em 2018, limitando os investimentos dos HF's em diversas regiões.

Das regiões produtoras avaliadas pela **Hortifrufruti Brasil**, as mais críticas em termos de restrição de água para irrigação são: Chapada Diamantina (BA), polo produtor do Rio Grande do Norte/Ceará (que engloba as regiões potiguares de Ipanguaçu, Mossoró, Baraúna, Apodi e Natal e as cearenses de Aracati, Icapuí, Limoeiro do Norte e Quixerê), Vale

do São Francisco e Irecê (BA). É importante que chova bem também no Norte de Minas, não só para beneficiar a fruticultura local, mas para garantir volume de água no Rio São Francisco, importante fonte hídrica para a irrigação da fruticultura do Nordeste. Em Tocantins, nos polos produtores de melancia de Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia, a situação é crítica também em termos de restrição de água.

Nas demais regiões, Sudeste e Centro e Sul, pelo menos para o verão, as reservas hídricas são adequadas para a irrigação dos hortifrutícolas. No entanto, a época típica de verão, com chuvas em abundância em alguns períodos, pode impactar na queda da produtividade, qualidade e no calendário de plantio e colheita. A exceção neste ano pode ocorrer no extremo Sul do País, onde a probabilidade da influência do *La Niña* (mesmo que fraca) pode reduzir as chuvas. No entanto, as reservas hídricas dessa região brasileira são suficientes para a agricultura irrigada, prejudicando mais a produção de sequeiro. ■

UVA (MESA)

Em 2017, as regiões produtoras de uva do Vale do São Francisco (PE/BA) e de Pirapora (MG) tiveram irrigação limitada pela falta de chuva (que esteve abaixo do normal durante a maior parte de 2017) e baixo nível dos reservatórios. No entanto, a quantidade de água ainda foi suficiente para garantir boa qualidade e produtividade dentro da média. Já no Sul e Sudeste, as chuvas no primeiro semestre ocasionaram algumas perdas (baixa na produtividade) e refletiram em menor qualidade de parte dos lotes, prejudicando a rentabilidade do produtor. Nas praças paulistas de São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul, ainda, o calendário de safra se alterou (a safra foi iniciada mais tarde em 2017), devido ao frio prolongado – até outubro – em 2016. Em Jales, o clima mais seco reduziu um pouco a produtividade. Porém, o elevado volume de precipitações em maio afetou as atividades de podas e prolongou a safra.



Safra das águas 2017/18 tem melhores resultados

Expectativa de preços para fevereiro é animadora

A expectativa para fevereiro é que os preços da batata se mantenham acima dos custos de produção. Em janeiro, os valores subiram frente a dezembro devido à redução na oferta. A ágata especial beneficiada foi cotada no mês passado a R\$ 61,40/sc de 50 kg (valor ponderado pela classificação), aumento de 12,5% frente a dezembro e 35% acima dos custos (R\$ 45,46/sc). Comparando com janeiro do ano anterior, os preços em 2017 foram 86,5% maiores. Essa elevação se deve principalmente à queda de 8,6% na área na temporada das águas 2017/18, por causa dos baixos preços no ano passado. A produtividade também esteve mais baixa e próxima da média dos anos últimos sete anos. Desde novembro/17, produtores tinham expectativa que as cotações subissem, porém, uma significativa área de batata restante da safra de inverno 2017 foi colhida em Cristalina (GO), o que não era esperado para o período.

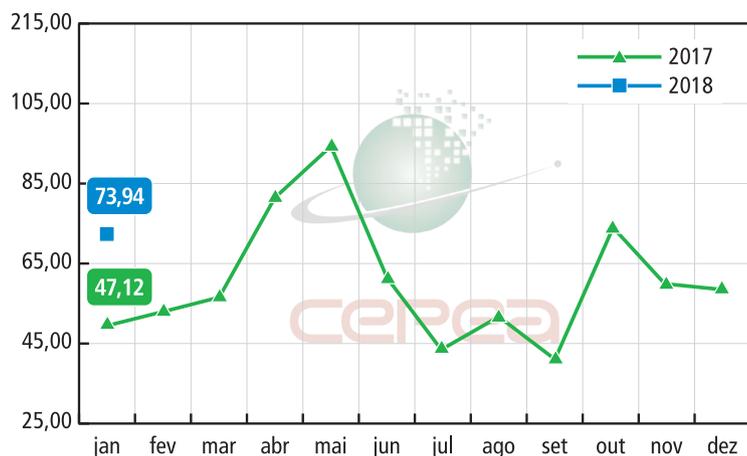
Produtores do PR antecipam safra das águas

Produtores de Curitiba, Irati, Ponta Grossa e São Mateus do Sul (PR) encerraram em janeiro a colheita da safra das águas 2017/18. Até meados do mês passado, 90% da área total cultivada com batata nessas regiões havia sido colhida. A finalização antecipada frente a 2017 ocorreu devido aos melhores patamares de preços no final de dezembro e início de janeiro, motivando produtores a intensificar as atividades

de campo, e também por causa do fechamento de contratos para arrendamento de terras para plantio de grãos, alternativa muito utilizada na entressafra de batata no Paraná. Na média da temporada (novembro até o início de janeiro/18), os preços ponderados pelo calendário de colheita e classificação ficaram em R\$ 54,40/sc de 50 kg, valor 15% superior aos custos de produção, que fecharam em R\$ 47,30/sc. De acordo com produtores, o maior problema no campo nessa temporada foi a seca no início do plantio, no fim de agosto e durante o mês de setembro.

Qualidade dita rentabilidade na safra das águas 2017/18

O clima mais chuvoso na safra das águas 2017/18 vem resultando em grande amplitude nos preços da batata. Em janeiro, as regiões de Curitiba e do Sul de Minas ofertaram batatas de baixa qualidade, resultando em menor remuneração aos produtores daquelas regiões. Por outro lado, na Chapada Diamantina (BA), além de serem oferecidas batatas de melhor qualidade, elevando as cotações, a logística da região baiana facilita a comercialização, principalmente com o Norte e Nordeste. Produtores também estão enfrentando dificuldades com a menor produtividade na safra das águas, devido ao excesso de chuvas e aos problemas com manejo, o que eleva os custos unitários. Por exemplo, em Curitiba (PR), em alguns dias de janeiro o preço ao produtor chegou a variar de R\$ 40,00/sc de 50 kg a R\$ 75,00/sc.



Preço começa 2018 em alta

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea

Cinco regiões abastecem o Brasil em fevereiro

Neste mês, o mercado será abastecido pelas praças do Sul e Cerrado Mineiro, que ofertarão, respectivamente, 30% e 20% do total cultivado nesta temporada. As demais regiões que terão forte presença no mercado serão as sulistas de Guarapuava (PR), Água Doce (SC) e Bom Jesus (RS), com respectivas ofertas de 32% (da primeira safra), 22% e 24%. Outras regiões também estarão ofertando batata, porém em menor volume.

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144
Saiba mais na página 5

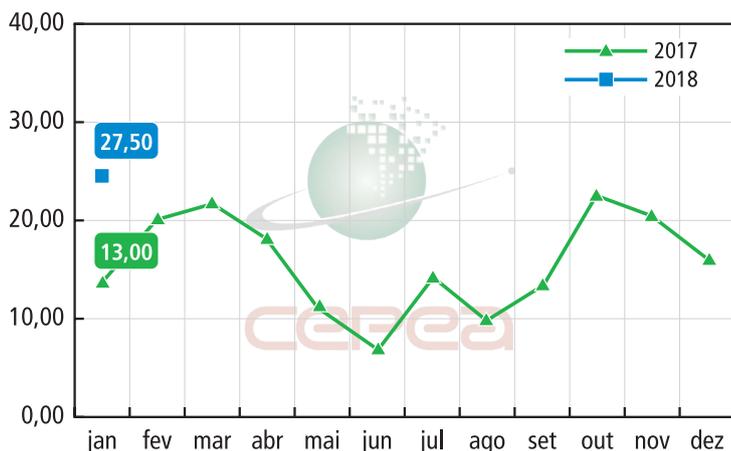




Chuvras favorecem cotações na safra de verão

Cotações podem se manter elevadas em fevereiro

Os preços da cenoura podem permanecer elevados em fevereiro em São Gotardo (MG), devido à redução da oferta. Isso porque as áreas que serão colhidas neste mês foram as mais afetadas pelas chuvas durante o plantio e o desenvolvimento das raízes. A preocupação dos agricultores está relacionada à incidência de nematoides, bifurcações e mela, problemas comuns causados pelo grande volume hídrico neste período do ano. No mês passado, parte das cenouras foram descartadas por conta dessas doenças e, com o menor volume, alguns produtores mineiros anteciparam a colheita, aumentando a disponibilidade de cenouras tipo A (mais finas), devido ao menor tempo de desenvolvimento. Em janeiro/18, a produtividade em São Gotardo teve média de 66 t/ha, montante próximo ao mesmo período de 2017. Com a menor oferta, as cotações subiram 66% em janeiro em relação a dezembro/17, ficando 96% acima dos custos de produção (R\$ 11,50/cx) para a cenoura “suja”. Já a cenoura do tipo AAA, de maior valor de mercado, foi comercializada em janeiro por R\$ 35,00/cx, valor 55% acima de dezembro/17. Desta forma, produtores conseguiram obter uma margem satisfatória, diferente do que ocorreu no ano anterior. Porém, especificamente na última semana do mês passado, os preços caíram, devido às sobras nos estoques, causadas pelas férias escolares, e ao melhor rendimento nas lavouras, por conta do menor volume de chuvas na segunda quinzena de janeiro. Para fevereiro, a volta das aulas pode favorecer a saída das raízes.



Baixa oferta permite alta nos valores no PR

A oferta de cenoura deve se manter baixa em fevereiro em Marilândia do Sul (PR). Em janeiro, o grande volume de chuvas dificultou a entrada de maquinários utilizados na colheita das raízes, pressionando a disponibilidade. Além disso, nas semanas posteriores às chuvas, produtores ficaram receosos quanto aos possíveis descartes, devido à incidência de nematoides, mela ou bifurcações nas raízes, podendo diminuir ainda mais a oferta. Nesse cenário, o rendimento nas lavouras caiu 24%, com média de 58 t/ha. Dessa forma, o volume reduzido elevou as cotações em janeiro em Marilândia do Sul, a R\$ 32,00/cx para o tipo AAA, 50% maior frente a dezembro/17. Em relação a janeiro/17, as cotações ficaram 115% acima, devido à menor oferta atual. Em janeiro de 2018, os preços também ficaram 120% superiores aos custos de produção.

Boa qualidade eleva demanda no RS

A menor oferta nacional neste início de ano, devido às chuvas ocorridas em janeiro e a leve redução de área na região de São Gotardo (MG), deve sustentar os preços da cenoura em Caxias do Sul (RS). Diferente das demais regiões, as chuvas não devem afetar o rendimento das lavouras da região, o que pode manter a oferta regular no período. Em janeiro, os valores subiram 22% em relação a dezembro/17. A oferta em Caxias do Sul ficou abaixo do esperado no mês passado, pois o clima mais quente no fim de 2017 adiantou o ciclo das cenouras, aumentando o volume colhido durante o mês de dezembro e diminuindo em janeiro. Além disso, outro motivo que favoreceu o mercado gaúcho foi a maior procura por clientes de São Paulo, atraídos pela boa qualidade das raízes gaúchas e pelos preços mais competitivos em relação aos de São Gotardo, por exemplo. Em janeiro de 2018, a cenoura “suja” teve média de R\$ 28,11/cx, valor 22% acima da média do mesmo mês do ano passado.

Chuva afeta produção e preço sobe em MG

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 5

MÍLDIO? REQUEIMA? REVUS OPTI.

**PROTEGE
SUA LAVOURA,
FAÇA CHUVA
OU FAÇA SOL.**

- Duplo modo de ação.
- Maior praticidade.
- Resistência à chuva.



Restrição de uso no Estado do Paraná.
Informe-se sobre e realize o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso a saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.

0800 704 4304

www.portalsyngenta.com.br



 **Revus Opti**[®]

syngenta.



foto: Claudinei Cesarino -
Ribeirão Branco (SP)

Oferta da safra de verão 2017/18 se reduz

Preços sobem 66,4% no primeiro mês de 2018

Os preços do tomate em janeiro apresentaram acentuada alta em comparação com dezembro/17. No mês, a oferta se reduziu com a finalização da segunda parte da safra de inverno 2017, menor ritmo de maturação dos frutos e elevado percentual de descarte por conta das condições climáticas adversas. Desde o final do ano passado, as chuvas no Sul e Sudeste seguem influenciando na tomaticultura em várias regiões. Em Itapeva (SP), por exemplo, choveu 416,6 mm em dezembro e janeiro, segundo o Inmet, desacelerando a colheita, manchando boa parte dos tomates e refletindo em menores preços. Já em Caçador (SC), as baixas temperaturas no final de dezembro limitaram a maturação e produtores tiveram que adiar o início da safra de verão 2017/18. Diante desse cenário de baixa oferta, o tomate tipo salada 3A foi comercializado à média de R\$ 59,75/cx na Ceagesp, aumento de 66,4% em janeiro sobre dezembro. Além do clima, a menor área de cultivo na safra de verão também contribui para melhores cotações.

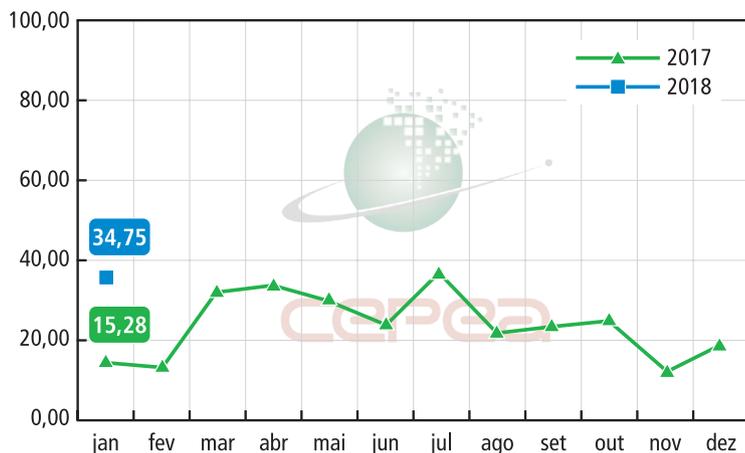
Transplântio de inverno se intensifica em fevereiro

Fevereiro é o pico de transplântio da 1ª parte da safra de inverno de 2018, com a realização da atividade em 28% da área total. No município de Sumaré (SP) e na região do Norte do Paraná a expectativa é de transplântar 75% e 50% da área,

respectivamente. Já em Paty do Alferes (RJ), a expectativa é de 45%, com encerramento em abril. A colheita está prevista para se iniciar em março e, até o fechamento desta edição, a expectativa quanto à produtividade é variável. Enquanto em Paty do Alferes e Araguari (MG) espera-se produção positiva ou nos mesmo patamares de 2017, produtores de Sumaré acreditam que com o volume de chuvas mais intenso neste ano, as doenças, principalmente bactérias, podem prejudicar o cultivo do tomate; por outro lado, deve reduzir algumas pragas, como a traça. Segundo agentes consultados pelo Hortifruti/Cepea, não deve haver aumento nos investimentos na temporada, uma vez que 2017 não foi um ano de boa rentabilidade. Além disso, o elevado custo de produção também foi um fator limitante bem como a inadimplência no recebimento das vendas do tomate, principalmente na região de Paty do Alferes.

Safra de verão entra em pico de colheita

A colheita da safra de verão 2017/18 deve entrar em pico em fevereiro, com a oferta de 21% da área total cultivada com tomate na safra nas regiões de Caçador (SC), Itapeva (SP), Venda Nova do Imigrante (ES), Agreste Pernambucano, Nova Friburgo (RJ) e Caxias do Sul (RS). Caxias do Sul está com boa produtividade: inicialmente, colaboradores do Hortifruti/Cepea estimam que a média na região fique em 400 caixas por mil pés na temporada devido à boa sanidade. A exceção foram alguns problemas com pseudomonas (pinta bacteriana), que atingiu algumas lavouras apenas no início do desenvolvimento. Alguns produtores gaúchos estiveram com rentabilidade positiva e comercializaram o tomate por até R\$ 70,00/cx em janeiro. As cotações em Nova Friburgo (RJ) também estiveram altas em janeiro, variando entre R\$ 60,00 e R\$ 90,00/cx. Isso se deve ao menor ritmo do semeio e, segundo agentes do setor, pode haver inclusive redução de área na temporada de verão fluminense. A produtividade foi de 250 a 380 caixas/mil pés devido à diminuição dos tratamentos culturais – reflexo da descapitalização dos produtores e do menor crédito.



Preço em janeiro/18 cresce 127% frente a 2017

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 5



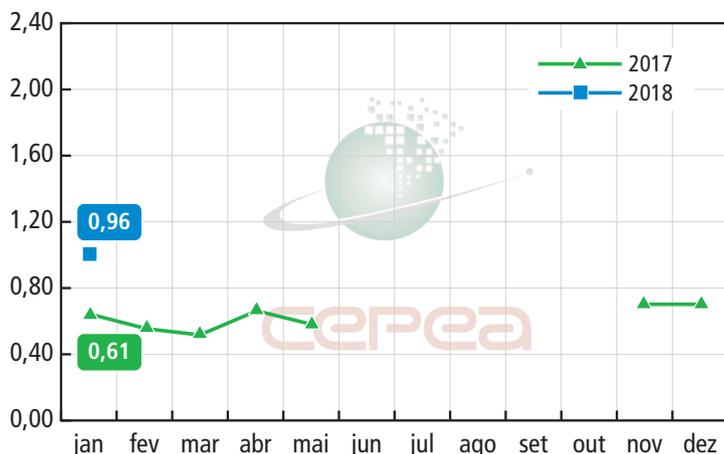


foto: Marcelo Spautz - Lebon Régis (SC)

Colheita se encerra no Sul

Mesmo com colheita quase encerrada no Sul, comercialização segue

A colheita da cebola já se encerrou na maioria das praças do Sul. Em Ituporanga (SC), São José do Norte (RS) e Irati (PR), a retirada dos bulbos da roça foi finalizada em janeiro. Já em Lebon Régis (SC), a atividade segue até este mês. Mesmo com o fim da colheita, a comercialização deve permanecer até os meses de abril e maio, devido ao armazenamento. As chuvas ocorridas em janeiro em todas essas regiões produtoras afetaram a qualidade dos bulbos que ainda estavam na roça. Além disso, produtores relataram maior percentual de cebolas de menor calibre (caixa 2), por conta da estiagem em setembro/17. Nas regiões de Irati e Ituporanga, as precipitações podem prejudicar as cebolas que já estão armazenadas no galpão, visto que a umidade do ar facilita o aparecimento de doenças. O escoamento de bulbos no mercado entre novembro e dezembro do ano passado era predominantemente de cultivar superprecoce, contudo, a partir de janeiro de 2018, a maior parte escoada é das cultivares bola precoce e crioula, que possuem maior ciclo – a qualidade dessas cebolas é superior, além de terem maior resistência no armazenamento. Além da melhor qualidade, as cotações também foram maiores em janeiro, por conta do menor volume nacional disponível, ocasionado pela redução na oferta do Nordeste – essa região só deve ter aumento de volume entre abril e maio –, tornando a região Sul, portanto, a principal fornecedora de bulbos no mercado interno.



Sul termina colheita e preços sobem em janeiro

Preços médios recebidos por produtores de Ituporanga (SC) pela cebola na roça - R\$/kg

Fonte: Cepea

Área deve se manter no Cerrado neste ano

A perspectiva para a temporada de 2018 no Cerrado (Triângulo Mineiro e Cristalina/GO) é de manutenção na área de cebola, devido à boa remuneração obtida em 2017. Além disso, outras culturas da região, como batata e cenoura, não apresentaram rentabilidade satisfatória, cenário que pode favorecer o investimento na cebola. A comercialização de cebolas no Triângulo Mineiro se encerrou no final de novembro e em Cristalina, em dezembro. A produtividade foi alta nas duas praças: a média em toneladas de cebola por hectare ficou 72,5 em Minas Gerais e 79,4 em Goiás. O plantio para a safra 2018 se iniciou em dezembro no Triângulo Mineiro e em Cristalina, mas com volume ainda baixo, sendo intensificado em janeiro. A colheita, por sua vez, deve começar entre o fim de maio e o início de junho, com pico previsto para junho e julho.

Comercialização em Mossoró se encerra em fevereiro

A comercialização de cebola da safra de 2017 se encerrou no início deste mês na região de Mossoró (RN). Entre dezembro e meados de janeiro, com 26% da safra colhida nesse período, o volume ofertado se elevou. Houve uma lacuna na produção dos bulbos entre novembro e dezembro, devido à falta d'água na região e à expectativa de melhores preços em dezembro. Com isso, produtores limitaram o plantio para a colheita no último mês do ano. A média da produtividade parcial da safra (de agosto até janeiro) ficou satisfatória, a 75,6 t/ha, 26% maior em relação à de 2016. Isso porque 2017 foi marcado por melhores condições climáticas, com chuvas no outono que contribuíram para aumentar as reservas de água. A expectativa dos produtores de Mossoró para a próxima temporada é de manutenção da área de cebola, por conta dos preços satisfatórios obtidos na safra de 2017. O plantio da temporada de 2018 na região deve se iniciar em maio, com colheita prevista para o final de agosto.



Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 5



foto: Márcio Luis Backes - Presidente Lucena (RS)

Chuvas prejudicam lavouras paulistas

O preço da alface pode subir em fevereiro nas regiões paulistas de Ibiúna e Mogi das Cruzes. Isso porque o clima chuvoso e quente pode afetar a produção e reduzir a oferta da folhosa. Em janeiro, precipitações abundantes prejudicaram a qualidade das alfaces, com relatos de queima de miolo e de “mela” por parte dos colaboradores do Hortifruti/Cepea, cenário que resultou em perdas nas roças. Os maiores descartes, porém, foram do produto que já estava passando do ponto de colheita. As perdas só não foram maiores por conta do clima predominantemente nublado na primeira quinzena de janeiro, já que a intensa exposição ao sol somada à umidade favorecem a incidência de doenças. De modo geral, as cotações se elevaram em janeiro, devido à menor disponibilidade do produto. O preço médio da alface crespa em Ibiúna em janeiro foi de R\$ 9,26/cx com 20 unidades, valorização de 5,3% frente à média de dezembro/17.

Com melhor qualidade, hidropônicas se valorizam no atacado

As cotações das folhosas de cultivo protegido subiram em janeiro, refletindo o aumento da demanda por conta da qualidade superior frente ao produto convencional – que foi mais afetado por doenças no período. A crespa e a lisa convencionais registraram alta de 31% de dezembro para janeiro, para a média de R\$ 15,86/cx com 24 unidades. Já os valores das hidropônicas subiram 50% na mesma comparação,

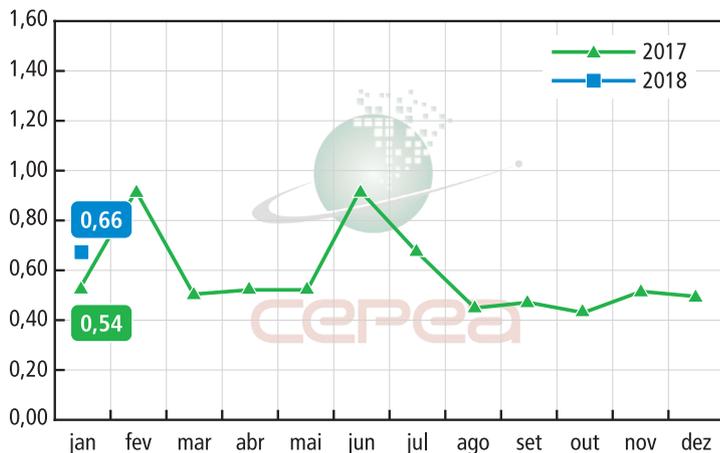
para R\$ 19,13/cx com 24 unidades. Para fevereiro, a expectativa é de que as hidropônicas sigam em alta, caso a qualidade das alfaces convencionais permaneça inferior. No entanto, se o clima permanecer quente e úmido, o produto convencional também pode registrar alta neste mês na Ceagesp, devido à redução da oferta. Além disso, o retorno das aulas também deve impulsionar as vendas de folhosas, principalmente após o feriado de Carnaval.

Granizo e doenças afetam lavouras no RJ

As alfaces de Teresópolis (RJ) podem seguir apresentando problemas de qualidade em fevereiro, caso as chuvas continuem frequentes na região. Assim como as paulistas, as alfaces fluminenses foram afetadas pelas precipitações em janeiro, que favoreceram, principalmente, a incidência de “mela”, pendoamento precoce e queima de miolo. As pontuais chuvas de granizo que atingiram algumas lavouras no mês passado comprometeram parte da produção. Além disso, os pés colhidos na segunda quinzena apresentaram tamanho reduzido, já que os produtores colheram antes do período ideal para comercialização.

Chuvas mantém cultura livre de pragas em MG

Se continuar chovendo regularmente em Mário Campos (MG), as lavouras da região podem continuar livres da praga trips, causadora da virose vira-cabeça. Diferentemente das demais praças produtoras, as folhosas de Mário Campos não apresentaram problemas de qualidade em janeiro. As precipitações na região favoreceram a produção de alface e impediram a incidência da trips. A maior produtividade, devido ao clima satisfatório no período, somada ao aumento do transplante em dezembro elevaram a oferta na região, pressionando os valores ao longo do mês. Em Janeiro, a alface crespa teve média de R\$ 9,60/cx com 20 unidades em Mário Campos, recuo de 30,6% frente à média de dezembro de 2017.



Preço da crespa sobe e é maior que em jan/2017

Preços médios de venda da alface crespa no atacado de São Paulo - R\$/unidade



Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144
Saiba mais na página 5

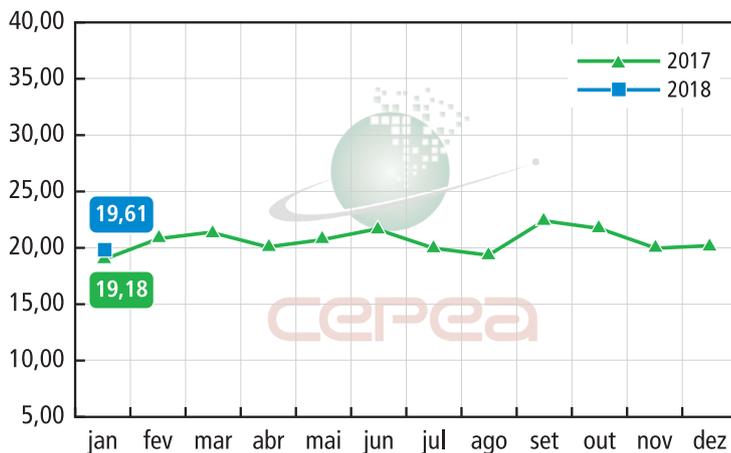




Com menor produtividade e concorrência da América Central, embarques diminuem

As exportações de melão da safra 2017/18 devem ser inferiores às da temporada passada devido, sobretudo, à produtividade limitada pela crise hídrica, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea. Na parcial da safra do Rio Grande do Norte/Ceará, os embarques da fruta já diminuíram. Entre agosto/17 e janeiro/18, os envios brasileiros de melão totalizaram 192 mil toneladas, quantidade 3% menor frente ao mesmo período da campanha 2016/17 (Secex). Por outro lado, os valores recebidos (FOB) foram 8% superiores, animando exportadores quanto a novos investimentos na cultura. A maior demanda da União Europeia por melancia também refletiu na redução dos envios de melão ao bloco. De agosto/17 a janeiro/18, o volume de melancia enviado à UE aumentou 2%. A partir de fevereiro, os embarques de melão brasileiro devem perder o ritmo e serem encerrados em março. Até abril, Honduras e Costa Rica também abastecem a União Europeia. A safra da América Central se iniciou em janeiro e, apesar de o volume não ser tão elevado, a concorrência com o Brasil fica acirrada no mercado europeu – em janeiro, o melão cantaloupe brasileiro teve média de US\$ 13,61/cx de 15 kg no porto de Roterdã (Holanda), valor 8% abaixo do de dezembro/17 (AMS/USDA). Os primeiros embarques desses países foram apenas de melão amarelo, mas, posteriormente, a colheita foi complementada com outras variedades, como gália, cantaloupe e pele de sapo, além da melancia.

Exportações começam a se reduzir em fevereiro



Férias limitam preços no RN/CE

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 no RN/CE - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea

Essa última variedade de melão nobre, por sua vez, deve ser produzida em maior quantidade neste ano devido à grande aceitação do mercado europeu.

Com fim da temporada, oferta de melão nobre se reduz no RN/CE

A gradativa redução nas exportações de melão a partir de fevereiro deve resultar na diminuição significativa da disponibilidade de melões nobres (orange, gália, cantaloupe e pele de sapo) no Rio Grande do Norte/Ceará. Isso porque essas variedades são mais consumidas no mercado externo e ainda não têm grande demanda doméstica. Assim, produtores já reduziram o ritmo de plantio desses melões nobres. Além disso, a entrada de países da América Central no mercado internacional tende a impactar os envios brasileiros à União Europeia, pressionando as cotações. Em janeiro, esse cenário já foi observado e o melão cantaloupe foi comercializado a valores 19% inferiores aos de janeiro/17 no atacado de São Paulo.

Plantio da safra principal ocorre no Vale

Produtores do Vale do São Francisco (BA/PE) devem intensificar o plantio da safra principal de melão em fevereiro, para a colheita de abril a julho. Normalmente, o aumento da umidade neste período na região é favorável ao preparo do solo. Contudo, um excesso de chuva poderia inviabilizar os trabalhos de campo. A princípio, era esperado que o *La Niña* trouxesse bom volume de chuva ao semiárido neste verão 2017-2018; no entanto, com o enfraquecimento do fenômeno, as precipitações devem ser menos expressivas no Nordeste. Embora a quantidade de água dos reservatórios ainda esteja abaixo do normal, o aumento no volume da barragem de Sobradinho (BA) em janeiro deve animar produtores e aumentar as expectativas para a safra. Por enquanto, esses agentes podem manter a área plantada em 2017 e aumentar os investimentos em tecnologia.

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144
Saiba mais na página 5





foto: Alison Junior Piovesan - Vacaria (RS)

Colheita de gala se inicia no Sul

Quebra da safra 2017/18 pode ser menor que a esperada

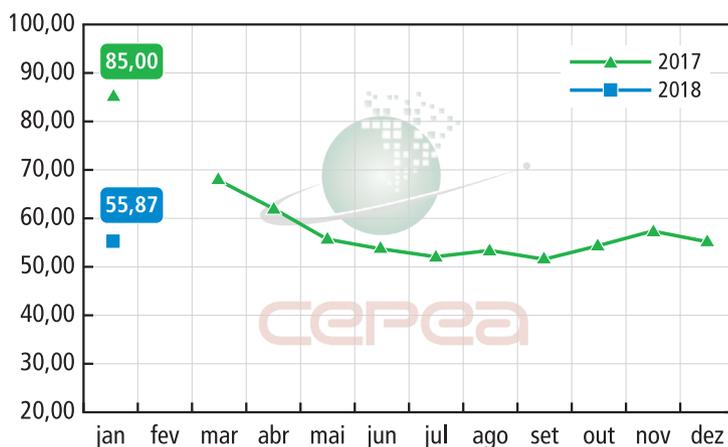
A colheita da safra 2017/18 de maçã teve início em janeiro nas regiões produtoras do Sul do País, começando pela variedade gala. De acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea, a expectativa é de que a quebra desta safra seja menor que a estimada inicialmente, com volume de 15% a 20% menor que o colhido na temporada 2016/17. O aumento esperado para a produção de gala frente à safra anterior foi descartado, em razão do menor tamanho da fruta observado nos pomares, o que deve manter o volume da variedade em relação à temporada 2016/17. Assim, a campanha 2017/18 deve ter volume dentro da média, totalizando de 1 a 1,2 milhão de toneladas, segundo a Associação Brasileira de Produtores de Maçã (ABPM), mas ainda menor que a “supersafra” anterior. Além disso, espera-se uma temporada com maior oferta de unidades com calibres entre 135 e 150. Quanto à qualidade, a geadas tardias e o baixo volume de chuvas entre novembro e dezembro/17 na região de São Joaquim (SC) podem gerar *russetting* (danos na casca), reduzindo a quantidade de Categoria 1. Por outro lado, para 2018, a expectativa é de preços levemente superiores aos de 2017, mas a rentabilidade unitária ao produtor ainda pode se manter pressionada devido ao (esperado) aumento nos custos. No entanto, as quebras de safra de outras frutas podem favorecer o mercado de maçãs neste ano.

Precoces da safra 2017/18 têm menor calibre

A safra 2017/18 de maçã precoce de Palmas (PR), que teve início em janeiro, pode totalizar cerca de 2 mil toneladas, com destaque para a variedade eva, conforme a ABPM – em SC, RS e SP, a colheita teve início em dezembro. As altas temperaturas e a incidência solar no período durante o desenvolvimento favoreceram a produção de frutas mais doces no Sul. O clima seco, porém, elevou a oferta de unidades menores, com boa coloração, mas imperfeições físicas, o que afetou a comercialização. A maior oferta de precoces miúdas pressionou os valores dessas unidades e também afetou as cotações de outras variedades neste início de ano. Em janeiro, a eva graúda Cat 1 teve média de R\$ 50,00 por caixa de 18 quilos na Ceagesp, valor 38% menor que em janeiro/17. A forte queda no preço ainda é reflexo da “supersafra” em 2016/17.

Balança comercial fecha negativa em 2017

O desempenho das exportações e importações de maçã em 2018 dependerá do câmbio, da safra nacional e da concorrência com outros países. Por enquanto, a expectativa é positiva para as exportações, devido à abertura do mercado indiano. Quanto às importações, não há margens para compras volumosas. A boa oferta nacional, com safra dentro da média, pode estimular as exportações e limitar as compras externas neste ano. Em 2017, apesar do aumento de 131% da receita obtida com exportações de maçãs e da queda de 46% das importações, a balança comercial fechou negativa em US\$ 33 milhões, de acordo com a Secex. Os gastos com importações somaram US\$ 75 milhões, bem mais baixos do que no ano anterior. Os principais países fornecedores da fruta em 2017 foram Chile, Itália e Argentina, 41%, 21% e 16%, respectivamente, do volume total adquirido. O Uruguai, por sua vez, desenvolveu uma nova variedade de maçã, com baixa exigência de frio, e deve tentar vender a fruta, que também é resistente à sarna, ao Brasil, segundo notícia publicada na *Fresh Plaza*.



Fuji mantém patamares do fim de 2017

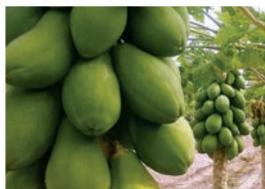
Preço médio de venda da maçã fuji Cat 1 (calibres 80 -110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 5



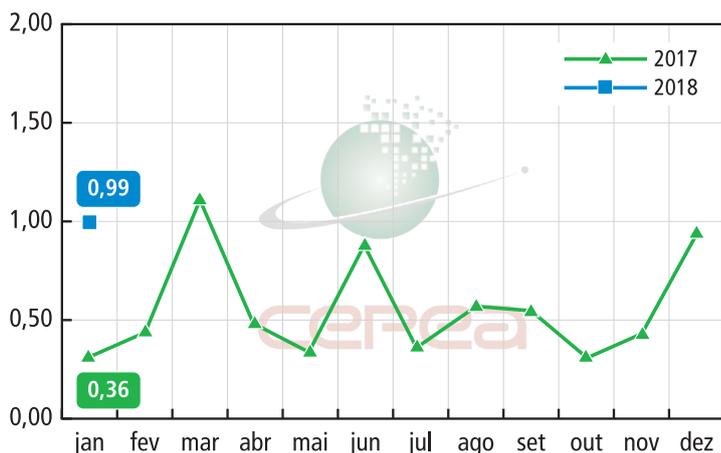
2018 começa com baixa oferta de havaí

Havaí pode continuar com preços atrativos ao produtor

A disponibilidade de mamão havaí deve permanecer reduzida em fevereiro, o que pode manter as cotações atrativas ao produtor. Além disso, a demanda pode aumentar com a volta das aulas. No geral, o ano começou com baixa oferta e preços firmes para a variedade – aumento que foi limitado apenas pela diminuição do consumo de mamão durante as férias e pelo menor calibre (devido à finalização dos cachos). Com isso, o havaí foi comercializado em janeiro por R\$ 0,99/kg no Sul da Bahia, valor 178% superior ao do mesmo período do ano passado. De acordo com produtores, a redução de havaí neste início de ano pode estar relacionada ao período chuvoso observado nas principais regiões produtoras neste verão 2017/18. O grande volume de chuva no Norte do Espírito Santo e Sul da Bahia resultou em maior proliferação de doenças nesta estação, limitando a oferta das frutas de boa qualidade. Outro fator que também influenciou a pouca quantidade foi a redução na área de havaí nessas regiões, devido à rentabilidade negativa de 2017 – os preços limitados do ano passado fizeram alguns produtores saírem da atividade.

Oferta de formosa pode cair no final de fevereiro

O volume de mamão formosa, que era alto em janeiro, pode começar a se reduzir em fevereiro no Norte do Espírito Santo e Sul da Bahia, caindo ainda



mais entre março e abril. Isso porque deverá existir um período de “pescoço” na produção, influenciado pelo clima chuvoso do fim de 2017 que, além de diminuir a quantidade de frutas prontas na época, resultou em queda de flores e afetou a produção para os meses seguintes. Com isso, diferente de janeiro, quando as frutas tiveram baixa nas cotações, os preços podem se recuperar em fevereiro.

Volume exportado em 2018 pode ser próximo ao de 2017

As expectativas iniciais para as exportações de mamão em 2018 são de menores volumes frente aos de 2017, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea. O possível resultado pode ser influenciado pela menor disponibilidade de havaí nas roças e pela limitada qualidade observada no período chuvoso. Em janeiro/18, por exemplo, precipitações significativas nas regiões produtoras resultaram na queda da qualidade da fruta e no menor volume embarcado, apenas 1,85 mil toneladas de mamão foram enviadas a todos os destinos, montante 51% inferior ao do mesmo mês de 2017, segundo a Secex, com manutenção da via aérea como a principal forma de transporte. A União Europeia tem assegurado demanda constante, devido à popularidade das frutas tropicais no bloco. Desta maneira, é importante que produtores brasileiros voltem suas atenções ao padrão de comercialização internacional, visando manter a boa reputação da fruta brasileira no exterior. O ano passado, por sua vez, fechou com embarques positivos, mas longe do recorde de 2015, devido às quedas sucessivas no segundo semestre do ano. Agentes consultados indicam que o limitado padrão de comercialização da fruta pode ser um dos principais motivos, pois os preços abaixo do custo de produção na maior parte do ano desestimularam cuidados preventivos em algumas roças. De acordo com a Secex, o volume exportado pelo Brasil entre janeiro e dezembro/17 foi de 39,11 mil toneladas de fruta, 3,1% superior ao embarcado em 2016, mas 1,7% inferior ao recorde de 2015. Ao comparar apenas o segundo semestre, a queda é superior a 20% frente ao mesmo período de 2015.

Preço do havaí quase triplica em relação à 2017

Preços médios recebidos por produtores do Sul da Bahia pelo mamão havaí, em R\$/kg



Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 5





Menor volume nacional pode elevar cotações

Safra paulista se aproxima do fim

Iniciada em dezembro de 2017, a safra da manga palmer de São Paulo deve ter a colheita desacelerada a partir da segunda quinzena de fevereiro, ainda que alguns volumes sejam disponibilizados até março. Neste cenário, a oferta nacional da variedade deve se reduzir, impulsionando as cotações. Enquanto isso, mangicultores paulistas ainda contam com a preferência de atacadistas do estado, sobretudo por conta de menores custos de transporte frente às mangas nordestinas. Apesar disso, as frutas paulistas não apresentam expressiva valorização, principalmente devido aos casos de bacteriose nos pomares, que comprometem a aparência e a durabilidade das mangas – em janeiro, a palmer de Monte Alto/Taquaritinga (SP) foi vendida por R\$ 0,49/kg, enquanto a do Vale do São Francisco (PE/BA) por R\$ 1,25/kg no mesmo mês. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, a concentração de chuvas no início deste ano agravou ainda mais os casos da doença, aparentemente com mais incidência frente ao mesmo período do ano passado. No caso da manga tommy, a colheita paulista foi encerrada já na segunda quinzena de janeiro, cenário que permitiu valorização da variedade no Vale do São Francisco, única praça ofertante a partir de então.

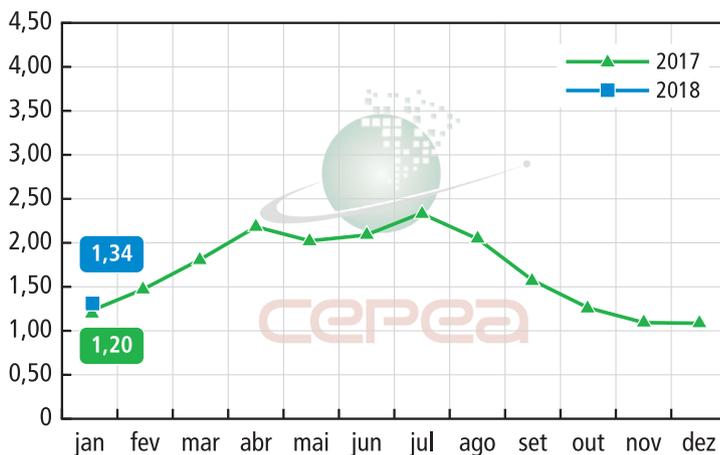
Oferta nacional pode ser restrita em fevereiro

Com a aproximação do encerramento da safra paulista, a oferta nacional de manga já deve come-

çar a recuar em fevereiro, com mais intensidade em março, quando a colheita deve ser quase que exclusiva dos mangicultores do Vale do São Francisco (PE/BA). Apesar de o início da colheita da palmer do Norte de Minas estar programada para março, o volume deve ser menor nas primeiras semanas, tendo pouco impacto nas cotações da variedade. Além disso, março costuma ser favorável às exportações de palmer aos europeus, contribuindo ainda mais à redução da oferta no mercado interno. Já no caso da tommy, apesar de não haver exportações aos Estados Unidos no período, o volume poderá ser mais restrito, haja vista que a variedade não será ofertada por nenhuma outra região que não a de Petrolina (PE)/Juazeiro (BA) em fevereiro e em março, gerando expectativa de preços firmes.

Exportações peruanas recuam na safra 2017/18

As exportações do Peru aos Estados Unidos estão bem mais baixas na parcial da safra 2017/18 (novembro/17 a janeiro/18). Segundo dados do *National Mango Board*, os peruanos enviaram ao país norte-americano quase 3,8 milhões de caixas de 4 kg de mangas, queda de 60% frente ao mesmo período da safra 2016/17. Essa forte diminuição se deve ao atraso de duas semanas na safra peruana, retardando os envios, que foram substituídos por outros fornecedores, como o Equador, que teve suas saídas prorrogadas aos norte-americanos – no caso do país equatoriano, as exportações aos EUA ficaram praticamente estáveis de setembro/17 a janeiro/18. Além disso, o frio intenso nos Estados Unidos pode ter afetado diretamente a demanda do mercado norte-americano pela manga, já que o Peru oferta justamente no período de inverno local. Já no caso dos envios à União Europeia, apesar de não ter dados oficiais atualizados, notícias veiculadas pelo portal *Fresh Plaza* indicam que o bloco ainda conta com um grande estoque da manga brasileira, desfavorecendo as importações da fruta peruana. Vale lembrar que o Peru deve ofertar aos europeus somente até o fim de fevereiro, configurando março e abril como meses promissores aos brasileiros.



Preços se recuperam no início de 2018

Preços médios recebidos por produtores do Vale do São Francisco (BA/PE) pela *palmer* - R\$/kg

Fonte: Cepea



Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144
Saiba mais na página 5





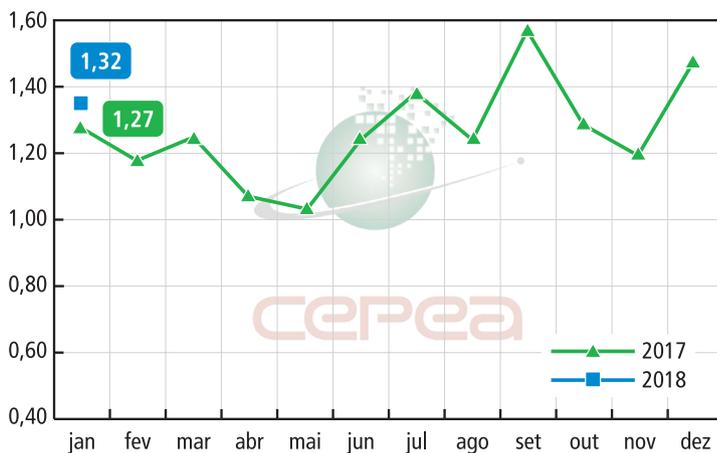
Bagé e Teixeira de Freitas devem abastecer mercado em fevereiro

Colheita da 2ª parte da safra se inicia no Sul da BA

A colheita da segunda parte da safra da melancia em Teixeira de Freitas (BA) deve começar em fevereiro. A expectativa é de que sejam colhidos 1.000 hectares, acima do observado para a primeira parte, mas menor em comparação com a segunda parte da safra baiana 2016/17. Isso porque, em 2017, o período de chuva foi maior, fazendo com que muitos produtores diminuíssem o plantio ou até mesmo optassem por plantar apenas na segunda parte. Além disso, o maior volume de precipitações impactou a produtividade regional na primeira parte, que ficou, em média, em 39 t/ha entre outubro/17 e janeiro/18, 13% abaixo do registrado no mesmo período da safra anterior. No início do plantio, a incidência de doenças em algumas lavouras obrigou o replantio nessas áreas. No entanto, após este período, o clima esteve favorável ao desenvolvimento da cultura na maior parte das lavouras baianas. Com isso, a expectativa é de boa produtividade na segunda parte da safra; porém, a maior oferta em relação à primeira parte e o período de colheita em Bagé (RS) podem limitar aumentos nos preços.

Melancicultores de Bagé iniciam colheita

Produtores de Bagé (RS) começam as atividades colheita de melancias neste mês. A expectativa é de que 1.200 hectares sejam colhidos, redução



Ceagesp inicia 2018 com preços superiores a 2017

Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) na Ceagesp - R\$/kg

de 20% frente a 2017. Na safra anterior, as chuvas dificultaram a comercialização, o que motivou a redução de área. Contudo, produtores estão otimistas neste ano, principalmente quanto à produtividade, devido ao clima mais equilibrado durante o plantio. Até o momento, a safra gaúcha (considerando-se as praças de Arroio dos Ratos e Encruzilhada do Sul) registrou resultados satisfatórios. Bagé será a última praça a ofertar, e a colheita deve seguir até março.

Com plantio escalonado, oferta paulista pode fugir do usual

O plantio mais escalonado em Marília e Oscar Bressane (SP) pode alterar o calendário de oferta de melancia em março, segundo afirmam colaboradores do Hortifruti/Cepea. As chuvas na segunda quinzena de dezembro dificultaram o semeio; com isso, muitos produtores plantaram menos naquele período e “parcelaram” as atividades durante todo o mês de janeiro. Assim, a expectativa é de menor oferta de melancias paulistas no fim de fevereiro e no início de março, quando deve iniciar a safriinha. Em Itápolis (SP) e em Presidente Prudente (SP), melancicultores começaram o plantio na segunda semana de janeiro, logo após o fim da safra principal. Em todo o estado, estima-se plantio de 2.600 hectares, semelhante ao do ano passado.

Plantio chega ao fim no RN/CE

Melancicultores do Rio Grande do Norte e Ceará finalizaram o plantio da temporada 2017/18 de minimelancia sem semente em janeiro – foram plantados em torno de 2.000 hectares. Quanto aos envios externos, se iniciaram em agosto de 2017 e devem seguir até março deste ano. Nesta temporada, mesmo com bons resultados nas exportações, o cultivo local registrou algumas dificuldades devido à salinidade da água. Em relação às pragas, a mosca branca e a minadora continuaram como as principais vilãs, mas os danos foram controlados. Apesar das adversidades no cultivo, produtores nordestinos continuam com bons ânimos em relação à cultura, principalmente devido à boa rentabilidade e à promissora participação no mercado internacional.



Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 5





foto: Taccio Rocha - Amparo (SP)

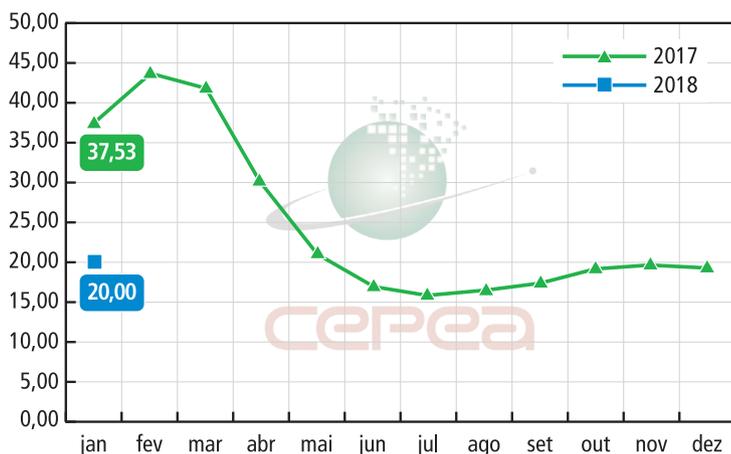
Oferta da safra 2017/18 começa a diminuir em SP

Preço da laranja de mesa pode se elevar em fevereiro

Mesmo com o baixo volume de algumas variedades de laranja da safra 2017/18 disponível para colheita em fevereiro, citricultores paulistas apostam que uma redução mais intensa na oferta deve ocorrer apenas a partir do início de março. Assim, a perspectiva é de que os valores se recuperem em fevereiro, mas continuem abaixo das médias observadas no início de 2017. Isso porque, segundo produtores, os volumes de frutas temporãs (que começaram a ser colhidas com maior intensidade em janeiro) continuam firmes nas roças, junto aos de algumas variedades tardias. No período, a pera foi negociada com média de R\$ 20,00/cx de 40,8 kg, na árvore, recuo de 46,7% em relação a janeiro/17, em termos nominais. Este cenário decorre tanto da maior safra 2017/18 quanto das chuvas em dezembro/janeiro. Contudo, a oferta de laranjas com qualidade ainda está reduzida neste mês, cenário que pode favorecer os valores das frutas com melhores características de comercialização.

Processamento prolongado se confirma em SP

O processamento das laranjas da safra 2017/18 deve se prolongar pelo menos até fevereiro com ritmo bem acima do usual para o período, segundo agentes industriais. Contudo, o volume enviado diminuiu em relação ao final de 2017, refletindo também no menor número de plantas em operação



Maior produção em 2017/18 impacta preços da pera

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea

desde o fim de janeiro. Também foram alterados os valores para compras no mercado *spot*, que estão em R\$ 15,00/cx de 40,8 kg, colhida e posta. As pequenas indústrias, por sua vez, oferecem média de R\$ 18,00/cx no *spot*, para entrega imediata.

Chuvas favorecem abertura de novas floradas

As precipitações verificadas no estado de São Paulo em janeiro favoreceram a abertura de novas floradas de laranja em algumas áreas, que podem dar origem às peras temporãs da safra 2018/19. Além disso, as chuvas também beneficiaram o pegamento da segunda e terceira floradas, observadas em alguns pomares entre outubro e dezembro/17. Embora haja um consenso de que as perdas da florada principal foram intensas, novas aberturas, mesmo que em menores volumes, surgem como alento ao cenário de baixa produção previsto para a temporada 2018/19. Além do clima, outro fator que tem sido apontado como limitador do volume é a maior produção da safra atual (2017/18), que reduziu o vigor vegetativo das plantas. A temporada 2017/18, vale lembrar, é quase 57% superior à 2016/17, segundo dados do Fundecitrus, divulgados em dezembro/17.

Tahiti segue em pico de safra em SP

Após ganhar ritmo na segunda quinzena de janeiro, a colheita de lima ácida tahiti deve ser intensa em fevereiro, continuando em pico de safra. Com as frequentes chuvas registradas desde o fim de dezembro, as frutas que ainda estavam nas árvores foram beneficiadas e chegaram ao tamanho e à coloração ideais para comercialização. O volume, porém, pode não ser tão elevado, tanto pelo abortamento de parte dos chumbinhos quanto pela colheita antecipada de frutas miúdas no fim de 2017. O processamento de tahiti também se intensificou no mês passado, controlando a disponibilidade do produto no mercado de mesa. Até o início de fevereiro, três indústrias de processamento de tahiti estavam em operação, adquirindo a fruta entre R\$ 15,00 e R\$ 17,00/cx de 40,8 kg, colhida e posta.



Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 5



Experimente a melancia dos sonhos e deixe seu dia muito mais doce.



Prove e surpreenda-se.

syngenta®



foto: Roberley Martins Faria - Marialva (PR)

Enquanto safra se encerra no PR, colheita se inicia em São Miguel Arcanjo

Podas para a temporã são finalizadas no PR

As podas para a safra temporã de uva do Paraná, que se iniciaram em novembro/17, devem ser finalizadas em fevereiro. No norte do estado, a expectativa era de que a maior parte das podas fosse finalizada um mês antes do que em Marialva. Contudo, as chuvas em novembro e dezembro/17 dificultaram a prática em ambas regiões e impediram a continuidade da atividade em boa parte de janeiro. Além disso, alguns produtores não devem refazer a poda em alguns lotes, visando “enxugar” os custos. Dessa forma, a área a ser colhida na safra temporã, com colheita prevista para março, pode ser menor frente à de final de ano, que terminou em janeiro. Houve, ainda, perdas em decorrência das chuvas no final da safra, sobretudo a partir da semana do Natal – a maior parte das uvas, no entanto, já havia sido colhida.

Colheita ganha ritmo em São Miguel Arcanjo

A colheita deve ganhar ritmo em fevereiro em São Miguel Arcanjo (SP), elevando o volume de uvas rústica e fina da temporada – ainda assim, a quantidade deve ser menor que a usual para o mês. O período para ofertar a niagara é favorável à região, já que a maior parte dos produtores paulistas de Louveira e Indaiatuba deve ter finalizado a colheita. Porém, fevereiro também é pico de produção em Pilar do Sul (SP), região produtora, qua-

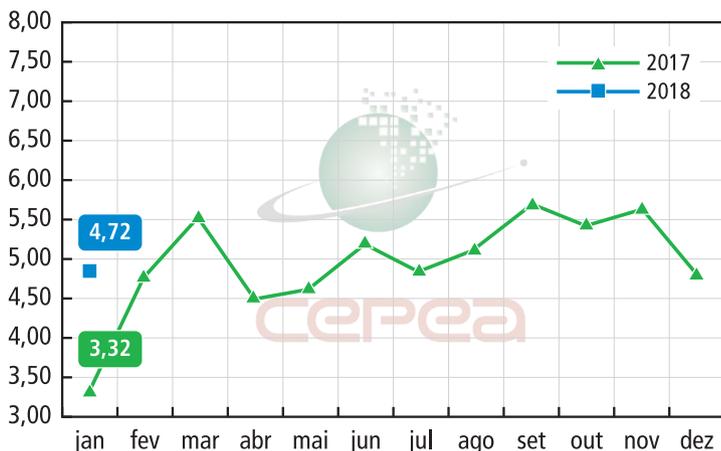
se que exclusiva, de uvas finas. Na praça de São Miguel, a safra que se iniciou em janeiro tem trazido resultados satisfatórios, mesmo com algumas perdas decorrentes de chuvas. No primeiro mês de colheita, a média da uva niagara foi de R\$ 2,14/kg, enquanto que a da itália foi de R\$ 3,31/kg. Uma situação que pode favorecer produtores de São Miguel é que parte dos produtores realizou a poda verde, com o intuito de colher a niagara entre março e abril e obter bons retornos, tendo em vista o mercado possivelmente mais aquecido no período.

Oferta deve continuar reduzida no Vale

A disponibilidade de uva no Vale do São Francisco (BA/PE) deve seguir baixa em fevereiro, mas ainda assim, um pouco maior que a do mês anterior. Em janeiro, sobretudo na primeira quinzena, as cotações se mantiveram em bons patamares, mesmo sendo um período caracterizado por vendas desaquecidas. Isso ocorreu devido ao baixo volume, principalmente de itália, uva que teve a área reduzida nos últimos anos no Vale. Assim, a itália embalada foi comercializada na média de R\$ 5,17/kg na região em janeiro. A oferta no Vale deve voltar a crescer apenas a partir de março/abril.

Cenário externo favorece e embarques se recuperam

As exportações brasileiras de uvas frescas podem continuar firmes em 2018. Porém, segundo agentes consultados pelo Hortifruti/Cepea, é preciso cautela, já que um dos principais motivos para a boa recuperação do ano passado foi o cenário internacional favorável ao Brasil. Em 2017, houve finalização antecipada da safra europeia, atraso dos envios africanos e início lento dos concorrentes sul-americanos, favorecendo as exportações brasileiras, inclusive em período não tradicional. Em 2017, a exportação somou 44 mil toneladas de uvas frescas, volume 44% acima de 2016, segundo a Secex – quantidade semelhante foi observada pela última vez em 2013.



Preço da niagara em jan/18 é 42% maior frente jan/17

Preços médios da uva niagara recebidos por atacadistas de São Paulo - R\$/kg

Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144
Saiba mais na página 5





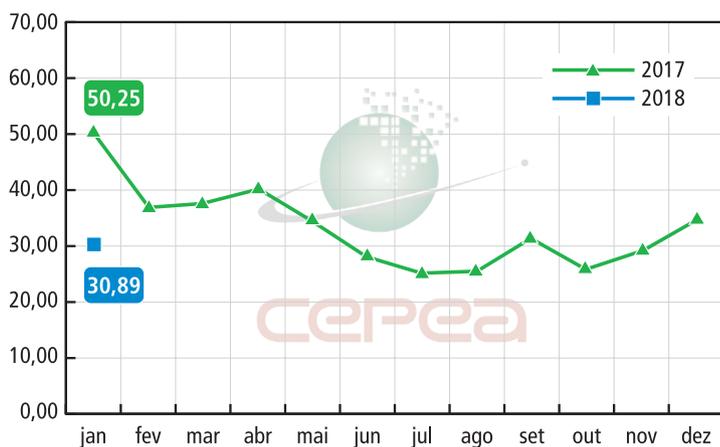
Rentabilidade inicia 2018 apertada ao produtor

Custo pode se elevar no Vale do Ribeira no verão

O início de 2018 no Vale do Ribeira (SP) tem sido marcado pelo clima quente e úmido, com chuvas frequentes, típico do verão. O bom volume de precipitações em janeiro – de 185,2 mm em Registro, segundo o Inmet – elevou o nível do rio Ribeira, provocando alagamentos em diversos bananais e deixando produtores em alerta. Nesse cenário, os custos de produção da banana podem se elevar na região paulista neste primeiro trimestre. O excesso de chuvas propicia uma condição ideal para a proliferação da *sigatoka* amarela. A doença fúngica compromete a área foliar e causa redução da produtividade – de até 50% em casos mais graves, conforme comprovado em pesquisas da Embrapa. Desta maneira, produtores do Vale do Ribeira intensificaram os tratos culturais para controle e prevenção da doença, aumentando a frequência de pulverizações e realizando a “desfolha de cirurgia” – trato cultural manual e, portanto, caro. Esse maior cuidado nas áreas de banana elevou o custo de produção da fruta na região, podendo comprometer a rentabilidade do produtor. Em janeiro, a nanica paulista foi vendida a preços 26,6% acima do valor mínimo declarado por produtores paulistas para cobrir os custos de um quilo da fruta.

Oferta elevada pressiona cotações da nanica em SC e SP

A disponibilidade de banana nanica deve



permanecer elevada nas roças de Santa Catarina e de São Paulo em fevereiro, e o volume de chuvas poderá estender a janela de maior produção da variedade. Assim, novas desvalorizações podem ocorrer no mês – os preços já recuaram em janeiro. Além da maior produção, a nanica teve menor procura no último mês, resultado do período de férias escolares. A média das cotações da nanica no Norte de Santa Catarina ficou em R\$ 0,44/kg em janeiro, recuo de 36% frente a dezembro/17. Já no Vale do Ribeira (SP), apesar da menor qualidade, devido às inundações, a desvalorização foi semelhante que aquela do estado catarinense – o quilo foi comercializado por R\$ 0,76/kg, queda de 36% na mesma comparação. As temperaturas mais altas e as chuvas recorrentes neste início de ano no Sul e Sudeste devem favorecer o bom desenvolvimento das bananeiras. Produtores consultados pelo Hortifruti/Cepea relataram que, para ambas regiões, como a maior parte da produção da nanica concentra-se no primeiro semestre, preços mais baixos já são esperados neste período.

Exportações ao Mercosul se recuperam no início do ano

As exportações de banana ao Mercosul devem seguir firmes em fevereiro. O volume enviado ao mercado internacional tem se recuperado neste começo de ano frente aos últimos meses de 2017. Em meados de dezembro, bananicultores já relatavam uma maior oferta da nanica nas roças, e com a menor demanda em período de recesso escolar, as cotações no norte catarinense tornaram-se mais competitivas. Além disso, a qualidade da fruta melhorou com as chuvas nos bananais da região, atraindo um maior número de compradores. Produtores do Sul acreditam que para fevereiro o volume exportado não deve ter grandes alterações frente ao de janeiro, já que a disponibilidade de banana deve permanecer elevada. Segundo dados da Secex, em janeiro, foram exportadas 5,19 toneladas, volume apenas 0,81% maior frente a dezembro/17. No primeiro mês deste ano, a saída ao bloco do Sul movimentou US\$ 1,38 milhões (FOB).

Em jan/18, preço da nanica é 38% menor que jan/17

Preços médios da nanica comercializada na Ceagesp - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144
Saiba mais na página 5





ENTREVISTA: Prof. Dr. Paulo César Sentelhas

“LA NIÑA DEVE SER FRACO E DE CURTA DURAÇÃO”

O engenheiro agrônomo Paulo César Sentelhas é professor doutor de agrometeorologia no Departamento de Engenharia de Biosistemas da Esalq desde 1996. É doutor em Agronomia (Irrigação e Drenagem) e tem pós-doutorado na Universidade de Guelph, no Canadá.

Hortifruti Brasil: O fenômeno ENOS nos últimos anos (especialmente 2014 e 2015) limitou muito a oferta dos hortifrutícolas no País. Para 2018, estamos presenciando uma situação de La Niña?

Paulo César Sentelhas: Estamos em uma situação de resfriamento das águas do Pacífico Equatorial. Para caracterizar o fenômeno *La Niña* são necessários cinco trimestres consecutivos com a temperatura do oceano abaixo de 0,5 grau da média, e isso ainda não se configurou neste verão. É preciso ainda mais dois trimestres nessa condição. Assim, do ponto de vista climatológico, pode ser que o fenômeno nem venha a se estabelecer e, se vier, será caracterizado de fraca intensidade e de curta duração. No entanto, no geral, os impactos não vão ser tão expressivos quanto se fosse um fenômeno que começasse por volta de agosto de 2017 e perdurasse até maio/junho de 2018.

HF Brasil: O *La Niña* fraco diminui a possibilidade de recuperação de parte dos reservatórios nas regiões produtoras do Nordeste. Por que essas regiões têm recebido um regime de chuvas muito abaixo da média nos últimos anos?

Sentelhas: As chuvas abaixo do normal nessas regiões foram consequências do *El Niño*, que faz com que chova mais na região Sul do País e menos “lá pra cima”, o que foi bem caracterizado na safra 2015/16, em que grandes quebras de produtividade na agricultura foram observadas. Existe uma variabilidade muito grande do que acontece de um ano para outro. Por isso, é difícil generalizar e afirmar que sempre nos últimos anos têm ocorrido chuvas abaixo do normal, visto que varia entre regiões dentro de um mesmo estado, entre estados e entre épocas do ano.

HF Brasil: Qual é a previsão do clima em 2018? Há alguma estimativa para o *El Niño* suceder a *La Niña*?

Sentelhas: Para o segundo semestre, espera-se um cenário

mais característico de *El Niño*, com mais chuvas ao Centro-Sul e poucas chuvas na região de Mapitoba (Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia) e no Nordeste como um todo.

“Para o segundo semestre, espera-se um cenário mais característico de *El Niño*, com mais chuvas ao Centro-Sul e poucas chuvas na região de Mapitoba (Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia) e no Nordeste como um todo.”

HF Brasil: Com todos os problemas climáticos que o Nordeste tem passado, muitos hortifruticultores estão diminuindo investimentos na região por falta de água. Há alguma tecnologia (como uso da água salina para irrigação) que pode proteger o produtor nessas situações?

Sentelhas: Obviamente a irrigação é uma técnica que traz resiliência (melhora os cultivos para que enfrentem as condições meteorológicas adversas) aos cultivos em várias partes do Brasil. No Sul, por exemplo, mesmo sendo uma região chuvosa, a irrigação está sendo considerada como uma técnica importante nos períodos de veranico. A prática de irrigação com água salina ou salobra ou desalinizada é uma técnica utilizada principalmente nas regiões onde existe certa limitação de recursos hídricos, como no semiárido. No entanto, as culturas que são cultivadas nessa situação teriam que ser tolerantes a esse tipo de salinidade e, muitas vezes, isso não acontece.■



**Existem coisas
que ficam muito
melhores juntas.**

Bayfolan
COBRE

Chegou a inovação
que faltava para sua lavoura.

Bayfolan Cobre traz para sua lavoura os benefícios da sinergia dos aminoácidos e cobre em um único produto. Melhor eficácia nutritiva e absorção de nutrientes, deixando as plantas mais saudáveis para o máximo de resultados.

Bayfolan Cobre.
Plantas fortes e saudáveis.

Soluções BASF para hortifrúti.

Mais qualidade e produtividade
para sua lavoura.

621



Aplicue somente as doses recomendadas. Descarte corretamente embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Restrições temporárias no estado do Paraná: Orkestra® SC para café e para o alvo *Ceratomyces paradoxa* na cana-de-açúcar; Forum® Plus para rosa; Polyram® DF para alho, cenoura, melancia, melão e para os alvos *Botryosphaeria dothidea* em maçã e *Alternaria solani* em tomate; Caramba® 90 para crisântemo, feijão-vagem, rosa e para os alvos *Phaeoisariopsis griseola* em feijão e *Puccinia graminis* em trigo; Imunit® para arroz; Tutor® para o alvo *Phytophthora infestans* no tomate e Cabrio® Top para alho. Registro MAPA: Cabrio® Top nº 01303, Caramba® 90 nº 01601, Collis® nº 01804, Dormex® nº 001095, Forum® nº 01395, Forum® Plus nº 03502, Delan® nº 01818604, Imunit® nº 08806, Kumulus® DF nº 02418592, Pirate® nº 05898, Polyram® DF nº 01603, Nomolt® 150 nº 01393, Regent® Duo nº 12411, Heat® nº 01013, Cantus® nº 07503, Fastac® 100 nº 002793, Herbadox® 400 EC nº 015907, Orkestra® SC nº 08813, Stroby® SC nº 03198 e Tutor® nº 02908.

0800 0192 500

facebook.com/BASF.AgroBrasil

www.agro.basf.com.br

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Conheça o portfólio BASF para hortifrúti:

Fungicidas

Orkestra® SC*
Cabrio® Top*
Cantus®*
Forum®
Collis®
Tutor®
Forum® Plus
Delan®
Polyram® DF
Caramba® 90
Stroby® SC
Kumulus® DF

Inseticidas

Pirate®
Regent® Duo
Nomolt® 150
Fastac® 100
Imunit®

Herbicidas

Heat®
Herbadox® 400 EC

Regulador de
Crescimento

Dormex®

*Mais qualidade, produtividade e rentabilidade - Benefícios AgCelence®.

BASF
We create chemistry



Invista certo, plante

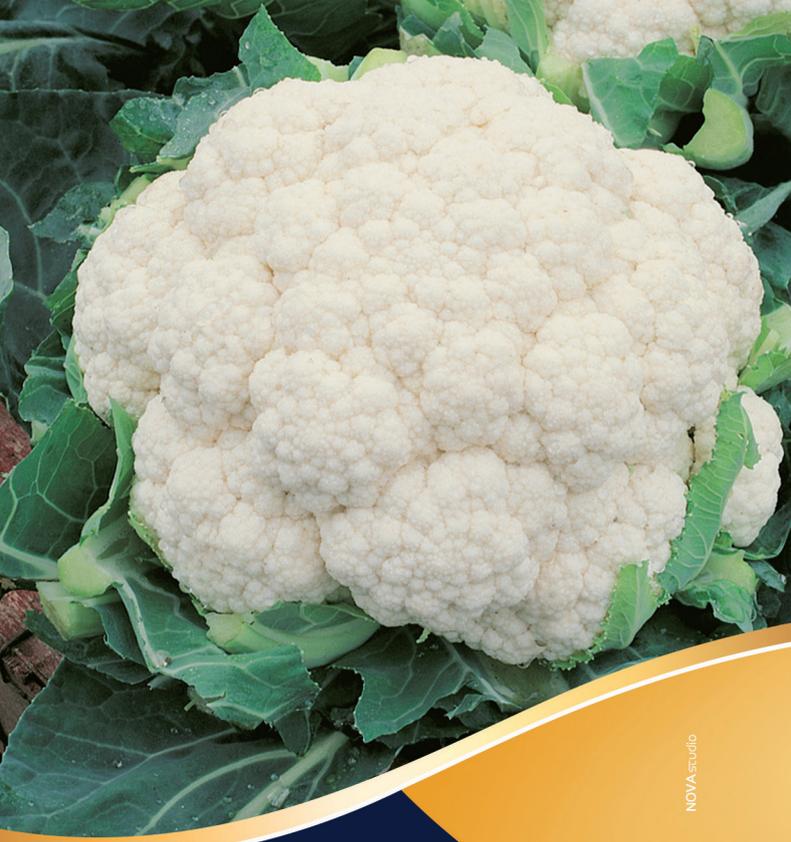
ALPINA F1

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Mala Direta Postal
Básica
0000/2012 - DR/XXYY
Cliente
...CORREIOS...

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829
e-mail: hfcepea@usp.br



NOVA studio

Couve-flor híbrida

ALPINA F1

- Boa proteção de cabeça
- Ampla adaptação de cultivo
- Resistência: Xcc
(Podridão Negra das Crucíferas)



CURTA NOSSAS REDES **SOCIAIS**
AGRISTAR DO BRASIL



TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

19 3514-7330 | www.agristar.com.br

Xcc - Xanthomonas campestris pv. campestris



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil